

CASA-ATELIER JOSÉ MARQUES DA SILVA

20 DE DEZEMBRO 18H00

Assinatura do Contrato de Doação do Acervo de

ALFREDO MATOS FERREIRA

com

ÁLVARO SIZA
ANTÓNIO MENÉRES
SERGIO FERNANDEZ
MÁRIO BROCHADO COELHO
JOANA MATOS FERREIRA DE SÁ

ALFREDO MATOS FERREIRA 1928-2015

No Porto, na transição de 50 para 60, sobretudo na década de 60, um reduzido número de ‘bravos’, de ‘resistentes’, vizinhos uns, amigos outros, mas mordidos pelos mesmos quadrantes na escola, no atelier, no frentismo, empreenderam contra forças constrangimentos à livre expressão da cidadania, ao livre fazer da arquitectura. À parte intenções de grupo, mais ou menos dirigidas ideologicamente, existiram outras liberdades, tão grandes, que surpreenderam, também, os variadíssimos produtos arquitectónicos que neste tempo se realizaram.

Nesse tempo de isolamento forçado cada um foi cada um, sem inquietudes nem maiores ambições que as de usar honestamente o que tinha à mão, intelectual e materialmente. E, porque irrelevante, não se fixaram em forte imagem de marca – bastou-lhes a medida de autor, a originalidade própria, reconhecíveis na escala e no uso, na matriz, no recurso a ofícios e oficinas.

Anulada a solidariedade de ‘tendência’, ficou vinculada ‘força-de-escola’ ao movimento que praticaram sobre a figura do arquitecto e sobre os materiais da tradição da arquitectura próxima da “definição albertiana, onde uso, construção e forma se pretendem integrados”. Mesmo que, ou talvez por isso, nessa problematização não brilhe um enfático vedetismo autobiográfico ou inespereadas subtilidades do jogo projectual, antes a (sobre) vivência do processo/constelação de idades do tempo e da experiência que, em amanho artesanal, ‘territorializou’ o conhecimento da casa-mãe na reserva de contributos específicos, questionados à exacta medida de que – “o artista moderno é aquele que vive sob o signo da liberdade, isto é, sob o signo da vida” (A. Casais Monteiro).

Ofício e colaboração, conhecimento e partilha, aprendizagem e consciência de futuro, por aí se fez este arquitecto, este mestre com ‘sexto sentido’ – como a ele se referia afetuosamente Fernando Távora –, comprometendo-se no que apenas se viabiliza pelo presente de um ‘nós’. Ou, talvez melhor, por aí agiu e por aí se questionou este artista pela revelação do mundo na familiaridade das coisas, condição mínima para qualquer artista da simplicidade e da humildade essencial – “Desde muito novo comecei a andar de barco no oceano. É uma experiência que nos obriga a saber pegar em referências, orientar-se... Quando não há referências, as referências são o sol ou as estrelas e mais nada... Para podermos estar seguros, tal como diz Norberg-Schulz, temos de estar orientados, temos de saber onde é que estamos para podermos saber para onde ir.” (AMF)

Por isso o seu projeto-de-arquitetura evoluiu na atenção que prestou a toda a envolvente física e cultural, e onde se movimentou o seu sentido de serviço, colhendo ou despertando referências que influenciam o seu processo, cultivando ou manifestando um sentimento de pertença ou uma promessa de futuro de um ‘nós’; referências pelas quais cultivou uma condição, um compromisso, uma persistência para (re)trabalhar o comum que é preciso fazer existir.

Alfredo Matos Ferreira nasceu em Lisboa, em 1928, filho de António José Matos Ferreira, médico dos Caminhos-de-ferro em Trás-os-Montes e Berta Durão, pintora, discípula de Columbano.

As suas raízes, por motivos familiares, estão profundamente mergulhadas em Trás-os-Montes, circunstância que decididamente o orienta como pessoa, e lhe marca emoções e afetos, convições e valores de vida. Moncorvo e Barca d’Alva, particularmente Urros, terra e povo, paisagem e casa, pessoas e trabalho, ofícios e artistas, os quais evocava amiúde, e dos quais, marcado pela história de vida, falava com as palavras e os gestos, os sons e as pausas do habitante enraizado e situado.

O percurso escolar foi marcado pela frequência sucessiva de estabelecimentos escolares do ensino primário e secundário no Funchal, Urros, Lisboa (Escola João de Deus e Liceu Pedro Nunes), Bragança, muitas vezes em regime de interno, circunstância que sazonalmente o afastava do ambiente familiar da casa em Almendra e, mais tarde, Casa dos Barraís.

Em 1948, depois de uma estadia no Funchal com o tio Américo Durão, matriculou-se na Escola de Belas Artes do Porto, concluindo o Curso Superior de Arquitectura em 1959.

Em 1949, no centro do Porto, na praça da Liberdade, seis caloiros, Alberto Neves, Alfredo Matos Ferreira, Álvaro Siza, António Menéres, Joaquim Sampaio e Vasco Macieira Mendes, mais tarde Luís Botelho Dias, acabados de entrar nas lides da Arquitectura e na iniciação ao Projeto, assentavam

na sala 35, num andar do edifício Imperial: “Um ambiente de troca de informação, de crítica aos trabalhos escolares, de entreaduda, primeiro marco, primeiro contacto com um mundo novo”.

Nunca chegou a concluir o trabalho que, em 1961 alinhara para o Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto – “Reconversão urbana e agrícola para a aldeia de Urros” –, optando em 1973 por sujeitar o seu Curriculum Vitae a procedimento burocrático, visando a obtenção administrativa do documento de curso, por questão de oportunidade e necessidade profissionais.

Aquela experiência de partilha formativa e exercício comum na descoberta da prática da arquitetura é bem notória no percurso profissional de Alfredo Matos Ferreira. Ao contrário de alguns dos seus companheiros de sala – Alberto Neves, Álvaro Siza, António Menéres Joaquim Sampaio que colaboraram por períodos determinados no escritório de Fernando Távora –, Alfredo Matos Ferreira evoluiu autonomamente, de início apoiado em pequenos investimentos do tio Américo Durão, para o qual projetou vários edifícios residenciais, e à sombra do qual deu alguns passos na constituição de uma equipa constituída por artistas dos vários ofícios da construção civil.

Ainda assim, no curso da sua existência, a “sala 35” foi espaço útil para variadíssimas parcerias de circunstância – Joaquim Sampaio, António Menéres, Luís Botelho Dias – na resposta a oportunidades de trabalho, como por exemplo o projeto para uma casa na Parede, uma vez mais para o tio Américo (1964), realizado com Álvaro Siza, não construído apesar de elaborados três estudos.

Ainda estudante, no início da frequência escolar trabalhou por curto período com o tio Mário Abreu – arquiteto com larga expressão profissional no Porto –, nomeadamente na urbanização nascente da rua da Friagem, atual rua Arquitecto Marques da Silva

Entre 1970 e 1972 colaborou no escritório de Arménio Losa, desenvolvendo entre vários trabalhos o projeto para uma central de camionagem em Vila Nova de Famalicão e o estudo para um edifício de apartamentos e comércio na rua de Gonçalo Cristovão, no Porto.

Em 1972, estabeleceu sociedade profissional com Fernando Távora, a convite deste; a única pessoa a quem Távora admitiu tal estatuto. Esse período de dez anos constituiu “um momento privilegiado, um momento de troca de experiências e de grande concordância no modo de abordar os problemas da arquitetura e do urbanismo”: entre outros, o “Convento de Santa Marinha da Costa” (1975) e o “Plano Geral de Urbanização de Guimarães” (1979-1982), os de maior complexidade. No rescaldo do 25 de Abril, a escassez de trabalhos e a natural ascensão no escritório do filho de Távora, que concluiu o curso de arquitetura, fizeram-lhe propor a saída em 1982.

formado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, foi colega de Alberto Neves, António Menéres, Álvaro Siza, Luís Botelho Dias e Joaquim Sampaio, os amigos da “sala 35” da Praça da Liberdade. Colaborou com Arménio Losa entre 1971 e 1972, foi sócio de Fernando Távora no exercício profissional entre 1972 e 1982. O seu percurso arquitectónico estendeu-se por mais de 50 anos. É autor de obra

Em 1974, no âmbito do escritório de Fernando Távora, esteve envolvido no processo SAAL, zona norte, organizando a brigada técnica para a zona da Lapa: “sem dúvida a mais gratificante de toda a minha longa carreira de arquitecto, um momento de grande euforia e esperança, um momento de libertação coletiva em que se conjugaram vários factores irrepetíveis que nos faziam sentir úteis socialmente, já não era o cliente particular ou público com todas as suas futilidades e preconceitos, era a coletividade de moradores com escassos recursos a viver em condições infra humanas reunidos em associação que pretendia a nossa colaboração.”

O concurso para o edifício da Ópera da Bastilha em Paris, em 1983, constituiu pretexto oportuno para nova fase da sua carreira profissional, em escritório próprio formalmente estabilizado. Até 2008, exerceu profissionalmente, nomeadamente, nos programas da habitação individual, grupal ou multifamiliar, e no âmbito dos equipamentos para o ensino; igualmente neste período o desenho urbano.

Em 1976, por convite, Alfredo Matos Ferreira iniciou a lecionação de Projeto no Curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes, atividade que, acompanhando a integração do curso na Universidade do Porto, se consolidou na Faculdade de Arquitectura, até 1998.

E foi no contexto de prestação de provas académicas que elaborou o trabalho “Aspectos da Organização do Espaço Português” (1986), um trabalho de referência no estudo da forma e estrutura urbana de cidades do território português. Nesse trabalho o cidadão-arquitecto exprimia a sua desconfiança na capacidade dos métodos correntes de planeamento para controlar as transformações do território. O trabalho reunia e comentava dados sobre território português, representava e recolhia informação sobre as suas transformações. Matérias a que, por origem, formação, conhecimento, Matos Ferreira se mostrou persistentemente sensível e atento; consciência ativa a que, nos anos oitenta, a elaboração do plano de urbanização para Guimarães trouxe outra dimensão e atualização, e, já no final da última década de noventa, trabalhos de desenho urbano para Viana do Castelo consolidou em ações muito pouco (re)conhecidas.

Mais do que propostas, ficou o sinal da vulnerabilidade: “No levantar das questões da realidade actual ressaltará a evolução de estruturas pré-existentes que mantêm um grau de capacidade de uso e de conforto, uma adaptação às permanentes transformações, que parecem de todo ausentes não só nas novas urbanizações como em quase todas as intervenções que vamos produzindo no território.” (AMF, 1986)

Manuel Mendes

(Texto adaptado de “Alfredo Matos Ferreira, artista de ‘sexto sentido’”, texto integrado no volume “suplemento”, anexo ao livro “Memória” de Alfredo Matos Ferreira.)

NOTA BIOGRAFICA

Alfredo Matos Ferreira (1928-2015), filho de pai médico e mãe pintora, nasceu em Lisboa, mas as suas raízes, por motivos familiares, estão profundamente mergulhadas em Trás-os-Montes, circunstância que decididamente o orienta como pessoa, e lhe marca emoções e afectos, convicções e valores de vida (in Manuel Mendes, “Alfredo Matos Ferreira, artista de ‘sexto sentido’”). Arquitecto

importante, mas pouco conhecida, e no quadro da produção arquitectónica portuguesa da segunda metade do século XX. No seu arquivo reúne-se acervo patrimonial-artístico de assinalável valor documental de uma época, duma geração e, mais particularmente, do seu exercício de arquitecto: desenho, modelo, fotografia, filme.

CASA-ATELIER JOSÉ MARQUES DA SILVA

20 DE DEZEMBRO 18H00

Exposição - instalação

“TERRA D’ALVA”



Sobre trabalhos de Alfredo Matos Ferreira em Urros
[exposição-instalação, módulo 1]

Conceção e Coordenação
Manuel Mendes

20 a 22 de dezembro | 10 de janeiro a 10 de fevereiro de 2017

De 3ª a 5ª feira, das 14:40 às 17:30

Visitas guiadas por Manuel Mendes,
14 de janeiro e 4 de fevereiro

Encerramento
13 de fevereiro de 2017, com lançamento do livro
“Memória. Alfredo Matos Ferreira”

FUNDAÇÃO
**MARQUES
DA SILVA**

“ ‘Terra d’Alva’, sobre trabalhos de Alfredo Matos Ferreira” foi pensada mais como um gesto -instalação que propriamente uma exposição – assinalar a decisão dos seus herdeiros em doar o seu arquivo profissional e, si-
multaneamente, a edição de “Memória”, livro que reúne o que o seu autor entendeu por oportuno partilhar com a comunidade sobre o curso do seu exercício de arquiteto cidadão.

No processo da arquitetura portuguesa do século XX, Alfredo Matos Ferreira é alguém particularmente citado num círculo de proximidade, mas seguramente (re)conhecido no quase apagamento da originalidade dos seus contributos a tal processo. (Re)conhecimento que habitualmente se projeta pela casa que em 1962 construiu numa das suas terras, na Quinta do Joanamigo, em Barca d’Alva; uma casa habitualmente referenciada pelo que colhe, pelo que faz evoluir dos resultados “Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal”.

PISO 1

A. Sala de receber | Das Casas de Família – Lisboa, Urros

- 1 António Matos Ferreira, retrato, Berta Durão, pintura, s/ass., s/d.
- 2 Berta Durão, auto-retrato, pintura, s/ass., s/d.
- 3 Cadeiras da Casa dos Barraís
- 4 Rádio da Casa dos Barraís
- 5 António . Berta . Alfredo no Jardim Zoológico de Lisboa, 27 de Dezembro de1929
- 6 Alfredo Matos Ferreira, rua da Arrábida, Lisboa, 1930
- 7 Alfredo Berta António no Pico, Madeira, 1935
- 8 Berta . Alfredo, rua da Arrábida, Lisboa, 1942
- 9 António . Flávio . Etelvina . Alfredo . Berta, na Casa dos Barraís, Urros, 1944
- 10 Peças em barro, A Matos Ferreira, [1933-1936]
- 11 Grua, brinquedo de Alfredo Matos Ferreira
- 12 Avião, construção brinquedo de Alfredo Matos Ferreira
- 13 Avião, construção brinquedo de Alfredo Matos Ferreira
- 14 Jogos, brinquedos de Alfredo Matos Ferreira

1. Biblioteca | Urros . Plano de reconversão urbana e agrícola

parede I

- 1 Urros, na Senhora do Castelo, fotografia de Alfredo José Durão, [final XIX / XX, anos 10]
- 2 Urros, na Senhora da Costa, fotografia de Alfredo José Durão, [final XIX / XX, anos 10]
- 3 Urros, vista geral, fotografia, Alfredo Matos Ferreira, [XX, anos 40]
- 4 Urros, vista geral, fotografia, Alfredo Matos Ferreira, [XX, anos 50]
- 5 Urros, fotografia, Alfredo Matos Ferreira, [XX, anos 60]
- 6 Urros, panorâmica, fotografia, Alfredo Matos Ferreira, [XX, anos 50]
- 7 Urros, do ciclo do cereal, fotografia, Berta Durão e Alfredo Matos Ferreira, [XX, anos 40 e anos 50]

estirador-vitrina I

- 8 Urros, fotografia, Alfredo Matos Ferreira, [XX, anos 60]
- 9 Urros, carta topográfica, Alfredo José Durão, [XX, anos 10]
- 10 Reconversão Urbana e Agrícola, desenho de estudo, vegetal, caneta tinta, caneta feltro, Alfredo Matos Ferreira, s/ass., s/d.
- 11 Reconversão Urbana e Agrícola, planta geral 1900
- 12 Reconversão Urbana e Agrícola, planta geral 1960
- 13 Reconversão Urbana e Agrícola, planta, funções, 1900
- 14 Reconversão Urbana e Agrícola, planta, funções, 1960

parede II

- 1 Urros, rua, pintura, Berta Durão, s/ass., s/d.
- 2 Urros, casa, Berta Durão, s/ass., s/d.
- 3 Urros, Capela de Santo Apolinário, estudo incompleto, pintura, Berta Durão, s/ass., s/d.
- 4 Urros, cozinha, pintura, Berta Durão, s/ass., s/d.

PISO 2

B. Corredor | Encontros

- 1 Em Urros, 1948
- 2 Nas Desertas, com o tio Américo Durão e amigo, [XX, anos 40-anos 50]
- 3 Mário, Isabel, Beatriz, Luísa, Alfredo, em Urros, na igreja de Santo Apolinário, [XX, anos 60]
- 4 Numa descida do Douro, 1971
- 5 No S. João do Porto, os colaboradores no escritório de Fernando Távora, [XX, anos 70]
- 6 Na descida do rio Lima, com Fernando Távora, [XX, anos 70]
- 7 No curso da operação SAAL da Lapa, casa de moradora no morro da Lapa, [1975]
- 8 Na Barca, Alfredo, Irene, Isabel, 2009

3. Quarto de brincar | Quinta da Canameira, instalações agrícolas, 1960

- 1 Panorâmica sobre a Quinta da Canameira, fotografia, [XX, anos 90]
- 2 Quinta da Canameira, instalações agrícolas, fotografias, A Matos Ferreira, [XX, anos 90]
- 3 Quinta da Canameira, instalações agrícolas, planta, alçado, estudo, s/ass., s/d
- 4 Quinta da Canameira, instalações agrícolas, planta, alçado, estudo, s/ass., s/d
- 5 Exemplares de “A Gazeta das Aldeias”, revista assinada pela Família Durão Matos Ferreira

lunetas

C. Quarto de vestir | Alfredo Matos Ferreira . ‘viajar no mundo dos comboios’

- 1 Vias, sinalética, máquinas, modelos da coleção de A Matos Ferreira
- 2 Estudos para montagem de circuitos ferroviários, desenho, lápis, tinta, A Matos Ferreira
- 3 Silhuetas para modelos de frentes edificadas, cartolina

[entre-portas]

- Alfredo Matos Ferreira, no Pocinho, [XX, anos 70]
Barco, miniatura, A Matos Ferreira, madeira, s/d

4. Sala | Casa do Feitor . Quinta Joanamigo, casa e instalações agrícolas

- 1 Urros, Quinta do Joanamigo, Quinta da Canameira, Quinta dos Barraís
- 2 Casa do feitor, planta, desenho de estudo, cartas cadastrais carta colorida
- 3 Projeto de ntreira coberta, DGSA-Brigada Técnica da III Região - Mirandela
- 4 Projeto para a Quinta do Joanamigo, Barca d’Alva, plantas, ass., s/d
- 5 Projeto para a Quinta do Joanamigo, Barca d’Alva, alçados, cortes, ass., s/d
- 6 Casa de caseiro para a Quinta do Joanamigo, assinado AMF, s/d.
- 7 Quinta Joanamigo, casa, planta, Setembro 1963
- 8 Quinta Joanamigo, casa, alçados, Setembro 1963
- 9 Quinta Joanamigo, casa, cortes, Setembro 1963
- 10 Quinta Joanamigo, casa, pormenores construtivos, Setembro 1963

Na atmosfera de aparato, marca da casa-atelier Marques da Silva, na teatralidade dos seus dispositivos de distribuição, na economia dos seus compartimentos, procura-se sugerir, através de documentação de projeto e/ou processo projetual, que a lição de Alfredo Matos Ferreira, reflexo das suas origens, reflexo da sua história de vida, se deve a propósito de domesticação mansa da natureza que delicada e insistentemente movimentada à sombra de Alvar Aalto ou da experiência italiana que conhece, sobretudo, através da “Domus” dos anos 50 e 60.

A instalação modela-se na interseção de dois cursos: um, reúne estações sinalizadas por letras, respeitante a aspectos da história de vida de A. Matos Ferreira; o outro, núcleos sinalizados por números, relativo a trabalhos por si realizados em Urros e Barca d’Alva.

estirador-vitrina II

- 5 Sítio da Capela de Santo Apolinário, Urros, levantamento à prancheta, desenho, A Matos Ferreira
- 6 Capela de Santo Apolinário, Urros, planta, esc. desenho de A Matos Ferreira,
- 7 Capela de Santo Apolinário, Urros, desenhos do levantamento, A Matos Ferreira
- 8 Capela de Santo Apolinário, Urros, planta, desenhos do levantamento, A Matos Ferreira
- 9 Capela de Santo Apolinário, Urros, alçados, desenhos do levantamento, A Matos Ferreira
- 10 Capela de Santo Apolinário, Urros, pormenores, desenhos do levantamento, A Matos Ferreira
- 11 Capela de Santo Apolinário, Urros, planta, esc. 1:50, A Matos Ferreira
- 12 Capela de Santo Apolinário, Urros, alçados, cortes, A Matos Ferreira
- 13 Capela de Santo Apolinário, Urros, fotografias, A Matos Ferreira, [XX, anos 40, anos 60]
- 14 Urros, edificado, fotografias de Berta Durão e Alfredo Matos Ferreira, [XX, anos 40, anos 60]
- 15 Habitação Manuel Branco, Urros, estudo para requalificação e ampliação, 1967

tripé, prancheta, teodolito

tripé-charriot, máquina de filmar, Alfredo Matos Ferreira

2. Hall | Alfredo Matos Ferreira . “sala 35”

biombo

- 1 Avós, Pais, Alfredo Matos Ferreira, fotografias tipo passe
- 2 Retrato de Alfredo Matos Ferreira, desenho de Álvaro Siza, 1958
- 3 No interior do Volkswagen, a caminho de ..., Alfredo Matos Ferreira e Álvaro Siza, [XX, anos 60]
- 4 Sob a atenção de Etelvina e Berta Durão, em Lisboa, rua da Arrábida, 1928
- 5 Em Almendra, 1929
- 6 [No Funchal, XX-anos 30]
- 7 Em Lisboa, 1942
- 8 No Poio, 1944
- 9 No Espadarte com o tio Américo Durão ao leme, a poente das Desertas, 1948
- 10 Em Lisboa, 1948
- 11 A bordo do Albatroz, 1960
- 12 No Douro, a caminho da casa da Barca, 2006
- 13 Na casa da Barca, Barca d’Alva, 2004
- 14 No escritório na rua Marques da Silva, 2007

[‘Ponto d’ Encontro’]

- 1 Álvaro Siza, Vasco Mendes, Alberto Neves, António Menéres, Joaquim Sampaio, na sala 35, Edifício Imperial, [XX, anos 50]
- 2 Joaquim Sampaio, António Menéres, Alberto Neves, Vasco Mendes, Álvaro Siza, na sala 35, Edifício Imperial, [XX, anos 50]
- 3 Joaquim Sampaio, Alberto Neves, Vasco Mendes, Álvaro Siza, Joaquim Lopes na sala 35, Edifício Imperial, [XX, anos 50]

D. Quarto vestir | Da casa dos Barraís

- 1 Casa dos Barraís, fotografias
- 2 Casa dos Barraís, tear da Berta Durão
- 3 Casa dos Barraís [?], desenhos de invenção [B Durão | A Matos Ferreira]
- 4 Casa dos Barraís desenhos
- 5 Casa dos Barraís, jogos: desenhos, fotografias A Matos Ferreira
- 6 Casa dos Barraís, brinquedos
- 7 Barcos, construídos por A Matos Ferreira

5. Quarto principal | Barreira, instalações agrícolas

- 1 Trabalhadores na Barreira, fotografia, Alfredo José Durão, [final XIX / XX, anos 10]
- 2 Quinta da Barreira, desenhos de levantamento
- 3 Quinta da Barreira, projeto de reconstrução e requalificação, estudo 1,
- 4 Quinta da Barreira, projeto de reconstrução e requalificação, estudo 2,
- 5 Quinta da Barreira, projeto de reconstrução e requalificação, estudo 2, variante 1
- 6 Quinta da Barreira, projeto de reconstrução e requalificação, estudo 2, variante 2
- 7 Quinta da Barreira, projeto de reconstrução e requalificação, estudo 3
- 8 Quinta da Barreira, projeto de reconstrução e requalificação, moagem e lagar
- 9 Quinta da Barreira, projeto de reconstrução e requalificação, fotografias

E. Quarto de Banho | Alfredo Matos Ferreira . ‘às voltas da química antes da arquitectura’

- 1 Do laboratório de química nos Barraís, [XX, anos 40]

F. Hall de serviço | Alfredo Matos Ferreira . ‘saber onde se está para saber para onde ir’

- 1 Oceano Atlântico Norte, carta hidrográfica de Portugal Continental às Ilhas Adjacentes (Açores, Madeira e Selvagens), anotações de navegação de A Matos Ferreira
- 2 Folhas de revista, divulgação e instrução, seguido por A Matos Ferreira em construção de lancha
- 3 Desenhos para a construção de uma canoa, construída por A Matos Ferreira
- 4 Porposta para a cabina do FRAM, desenhos de A Matos Ferreira
- 5 Miniaturas de barcos, construídos por A Matos Ferreira